

O ENIGMA DO VELHO TIBÚRCIO

Antes mesmo de entrar em serviço, Max já teve o pressentimento de que o plantão prometia ser infernal na chefatura de polícia.

Com um gesto automático, olhou o relógio e logo lembrou porquê...

Era Sexta-Feira 13!

-Eu devia ter ficado em casa.

-Tem razão, amigão. - Concordou Dredd, o seu colega de trabalho e desventuras. - Mas, seja otimista. Quem sabe isso leva a alguma coisa boa...

-Numa sexta-feira 13? Duvido.

Antes de entrar no prédio da chefatura de polícia, tinham de atravessar uma praça.

Pelo chão, diversas aves disputavam um pouco dos resquícios de comida e sanduíches ali espalhados.

Entre elas um corvo mais negro que a pior escuridão. Com rapidez e violência, ele bicava os pombos ao seu redor e acabou por vencer a disputa!

Mas não era comida que ele queria.

Com o bico, catou uma bituca de cigarro aceso e saiu todo feliz voando enquanto fumava.

Pasmos, Max e Dredd se entreolharam.

-Isso deve significar alguma coisa. - Disse Dredd.

-Esse bicho sempre aparece quando vamos entrar em alguma encrenca insolúvel.

-Não tinha pensado nisso. Mas acho que tem razão.

Entraram na chefatura e logo na recepção, não se surpreenderam com o gigantesco tamanho das filas de gente esperando para ser atendida.

Dredd aproximou-se da orelha de Max e disse em voz baixa:

-Se polícia nessa terra servisse de alguma coisa, aqui na chefatura não teríamos tanta gente esperando para fazer ocorrência.

-Não ouviu o que o governo disse, Dredd? Estamos passando por tempos difíceis. Investir em polícia não dá voto.

-Claro! Como eu poderia me esquecer disso? Então era bom a gente avisar o cidadão de bem sem a bandidagem saber.

-Melhor não. Aí vão nos lembrar da campanha do desarmamento que, até hoje não deu certo.

A conversa terminou com um sorriso na cara de cada um e a secretária do Chefe Norris aparecendo para dar as boas vindas a trabalhadores tão pontuais.

-O chefe quer falar com vocês agora.

-Sim senhora. - Respondeu Dredd.

Entraram na sala do chefe Norris e encontraram-no sentado na sua mesa atrás de pilhas de pastas forradas com papéis referentes a diversos casos.

-Olá chefe! Nos chamou para dar aquele aumento?

-Não rapazes! Infelizmente não será desta vez. Mas antes de pedir o aumento de vocês eu vou pedir o meu também.

-Se não foi pelo aumento, então por-que estamos sendo chamados?

-Vocês trabalham para mim, esqueceram?

-Puxa! Também não precisa humilhar... - Reclamou Max com cara de choro...

-Humilhação vai ser agora. - Disse o Chefe Norris enquanto acariciava um gato preto que dormia no seu colo. - Tenho uma agradável surpresa para vocês...

-Suas surpresas não são famosas por serem agradáveis. - Desconfiou-se Dredd.

-Vocês não encontraram o corvo fumante pelo caminho? Achei que ele fosse dar o aviso...

Max e Dredd mais uma vez se entreolharam aparvalhados...

-Tenho mais um problema sem solução para os senhores resolverem. - Disse o

Chefe Norris jogando na direção deles uma pasta amarela cheia de papéis. - Sei que é mais um para se jogar junto aos arquivos de casos sem solução, mas, antes quero que vocês verifiquem imediatamente.

-Viu só, Max. Os problemões ele joga nas nossas mãos. Somos os maiores aqui dentro.

-Isso mesmo, Dredd. Mas também porquê o cara que nos trouxe o caso está lá fora fedendo uma barbaridade e o resto do pessoal está ocupado com coisas mais importantes.

Os dois saíram da sala do Chefe Norris silenciosamente e mais tristes com a cruel realidade.

Foram para suas mesas ver o que os aguardava e encontraram um tipo cabeludo, barbudo, mal vestido e fedido a esperar-lhes sentado numa cadeira.

Deram uma olhada nos papéis da pasta e logo se inteiraram do caso.

-Sou Max e ele é Dredd. Estamos encarregados do seu caso.

-Eu me chamo Anércio.

Dredd sentou se diante do computador enquanto Max mantinha uma distancia segura de Anércio, até para não prejudicar seu delicado olfato.

-O senhor informou que veio comunicar o desaparecimento de uma pessoa.

-Sim. O meu amigo Tibúrcio. Ele estava muito mal de saúde.

-Mal de saúde?

-Sim. Ele devia estar de cama, mas resolveu dar um passeio.

-Estar de cama?

-Aonde? Num hospital?

-Sei lá. Ele vestia um quimono escuro por cima de um pijama velho e usava chinelos de pelúcia azulados.

-Um maluco fugido do sanatório?

-Não sei! - Disse Anércio. - Talvez! Ele carregava para tudo quanto é lugar um suporte que prendia um saco plástico de onde saia um tubo cuja extremidade era espetada com agulha de injeção no braço dele.

-Soro?

-Talvez alguma medicação. - Complementou o próprio Anércio. - Cada louco tem a sua mania e eu não fiquei perguntando muito o que era aquilo.

Dredd ia digitando com rapidez tudo o que julgava importante.

Ao seu lado, apareceu Nino, "o assassino", um cachorro grande, todo preto, com porte físico muito similar e pouco maior que o dos pastores alemães.

Nino cheirou a tal da pasta amarela e imediatamente saiu ganindo dali a toda velocidade como se alguém tivesse lhe dado um potente chute no cú.

Demonstrando alguma preocupação, já que Nino, entre suas diversas qualidades, era afamado por ter um sexto sentido muito desenvolvido, principalmente no que se tangia a previsões tenebrosas, Max e Dredd não puderam deixar de se entreolhar.

Desta vez com indisfarçada preocupação.

Mesmo assim, prosseguiram com seu trabalho.

-Pode dar uma descrição do Senhor Tibúrcio?

-É um sujeito alto. - Respondeu Anércio. - Ele está vestido conforme já disse.

-De roupão e pijama?

-E não esqueça os chinelos... Também tinha uma pulseira no braço esquerdo onde estava escrito o próprio nome.

De-repente, tudo apagou. A chefatura ficou sem energia elétrica.

Só algumas poucas luzes de emergência funcionavam, já que, a maioria estava quebrada.

Como não havia nenhum sistema que salvasse os dados em situações como aquela, todo o trabalho feito nos computadores acabou totalmente perdido.

-Que pobreza! - Não se conteve Dredd.

Max torceu a cara. Sabia o que aquilo significava.

Os computadores ficariam um tempão sem operar.

Sempre que aquele tipo de situação ocorria, era um tormento até a volta à normalidade..

Dredd levantou-se da cadeira.

Andou um pouco pela sala e fez um sinal para Max.

Aproximou-se dele e disse em voz baixa de modo que não fosse escutado por Anércio:

-Acho que sei o que o Chefe Norris realmente quer...

-Tirar esse tipo daqui. - Respondeu Max disfarçadamente por trás da palma da mão que naquele momento estava usando para esconder a boca.

-Exato.

-Sei o que fazer..

Max virou-se então e disse:

-Senhor Anércio. Acho que aqui na chefatura, em virtude da falta de eletricidade não poderemos fazer muita coisa. Se nos acompanhar, iremos até o último local onde viu o senhor Tibúrcio.

-Ok! Sem problemas. Fazia tempo que eu não andava de carro.

Dentro da viatura, Max e Dredd descobriram porquê.

De vidros fechados, o fedô exalado pelo senhor Anércio podia matar o mais forte e valente.

No volante, Dredd ligou as sirenes e saiu acelerando tudo o que podia contra o vento para diminuir os efeitos asfixiantes daquele mau cheiro.

Temerariamente cortando a toda velocidade o trânsito da cidade, a viatura interceptadora da polícia parou escandalosamente, dando um cavalo de pau, bem em frente a um típico barzinho feito na garagem de uma casa.

Respirando profundamente o ar local, até para se livrar um pouco do mau cheiro do Anércio, Max e Dredd desceram do veículo e entraram no estabelecimento.

Já entraram exibindo o distintivo para o dono da espelunca.

Assim que viu Anércio, o proprietário alí logo disse:

-Esse cara aí tá me devendo um dinheiro. Vem aqui beber e sai correndo sem pagar.

-Estamos procurando um amigo dele...

-Parece que o sujeito sumiu...

-Amigo dele? - Perguntou o dono alí aos policiais com visível ar de dúvida. - Esse cara cada dia tem um amigo diferente.

Dredd virou-se para Anércio e indagou:

-A quanto tempo você conhece o Tibúrcio?

-A gente se conheceu hoje de manhã. Ele me prometeu que ia pagar umas pingas.

-Mentira! - Contestou o dono do bar. - Esse Tibúrcio é mudo.

A história começava a soar cada momento mais inacreditável.

-O senhor conhece esse Tibúrcio? - Indagou Dredd para o dono do bar.

-Tanto quanto esse Anércio. Vi o sujeito hoje pela primeira vez. - Apontou em seguida para uma casa que havia do outro lado da rua e prosseguiu. - Quem deve conhecer o tal Tibúrcio é a Dona Virginia que mora alí na frente. Acho que ela já tinha visto ele antes. Quando passou por aqui de manhã, disse até para não se misturar com o Anércio para não virar pinguço igual a ele...

Max virou-se para Anércio dizendo:

-Seu Anércio, o senhor aguarde maiores informações que agora a polícia estará investigando o caso. Se precisarmos nós entraremos em contato novamente.

-Tá bom... - Disse Anércio.

Dredd e Max saíram do bar e deixaram o tipo esquisito se afastar.

Encostados na viatura, conversavam em voz baixa enquanto olhavam ao redor.

-E aí? Vamos concluir essa investigação ou deixamos tudo assim mesmo?

-Esse negócio me parece delírio de um louco. Acho que é perda de tempo.

-Eu também, em todo caso, vamos perguntar para essa tal de Dona Virgem e verificar o que ela sabe da história, e então nos mandamos.

-É Dona Virginia.

-Certo. Tem razão.

-Tudo bem então. Quero aproveitar e tomar um café reforçado antes de voltar para a chefatura.

-Ah! Eu também... Já que, sem os computadores, não dá para trabalhar e nem verificar os e-mails...

Bateram na porta da casa bem ao estilo policial.

Não tardou muito para a dona aparecer.

-Mas que falta de paciência. O que está acontecendo??

Os dois policiais mostraram suas identificações e foram logo perguntando:

-Queríamos informações a respeito do Sr. Tibúrcio. Ele sumiu e ficamos sabendo que a senhora pode ter sido a primeira pessoa a fazer contato com ele.

-Ah... Tá! Esse sujeito eu vi hoje de manhã. Na verdade eu não conheço, mas vi muito pouco... Eu tava voltando para casa pois trabalho de madrugada. No caminho quando passava pela Rua Pimenteira Quente vi esse homem salvando uma criança de ser atropelada.

-Como é?

-A rua é numa descida. Tinha uma mulher saindo de casa com um carrinho de bebê.

“Quando foi trancar o portão da frente, o carrinho começou a descer pela calçada sem que ela percebesse.”

“Numa determinada altura, se distanciou de tal maneira da mulher que não adiantava correr para alcançá-lo.”

“O carrinho desceu a toda velocidade na direção de um cruzamento super movimentado e foi então que esse homem apareceu e salvou a criança.”

-E como ele fez isso?

-O carrinho já estava quase saindo da calçada quando o homem pegou o suporte que ele carregava com um medicamento espetado no próprio braço e fez ele parar.

-Com o suporte do medicamento?

-Isso mesmo! A mãe da criança em seguida apareceu agradecendo bastante, mas, o homem não disse nada e veio para esta direção. Mais tarde, eu vi ele parando aqui no bar pois, um velho bêbado que aparece todo dia para encher a cara foi conversar com ele. Até avisei para não ficar junto com o bebum para não tomar o mesmo caminho. Depois disso então, eu não sei para onde foi.

-A senhora lembra de mais alguma coisa?

-Olha... Agora que você perguntou eu lembrei. Aconteceu também um negócio estranho.

“Pouco depois do salvamento, apareceu um homem num carro verde procurando por ele.”

“O sujeito estava muito nervoso. Tinha uniforme escuro. Fez uma ligação no telefone celular e começou a reclamar bastante e em voz alta com a pessoa que estava do outro lado da linha.”

“Lembro até o que ele tava falando naquela hora. Era algo mais ou menos assim:”

-Me deram uma porcaria de carro que quebrou no caminho. Deixei o velho dentro do veículo por cinco minutos para buscar um mecânico e ele sumiu. Além de não me ajudarem com mais gente para realizar a operação, ainda me dão, um veículo quebrado.

E a mulher continuou:

-Olha... O sujeito tava tão nervoso que eu resolvi nem me meter na história e segui meu caminho sem falar nada. Eu até tinha visto a direção que o homem que vocês estão procurando tinha tomado, mas, preferi ficar quieta. Não quis encrenca para o meu lado.

-A senhora disse que estava voltando do trabalho... Qual a sua profissão?

A mulher torceu a cara para os policiais e disse:

-Sou profissional do sexo. E olha... Não adianta vir com sermão, que o exercício da minha profissão não tá no código penal.

-Sabida a Dona Virgínia, hem Dredd.

-Claro! Depois que puseram as Leis na internet, ninguém precisa mais de advogado para saber os próprios direitos...

-Então muito obrigado, Dona Virgínia. Se precisarmos, entraremos em contato com a senhora.

-De nada!

Dizendo isso ela fechou a porta na cara dos dois.

-Será que ela não foi com a minha cara?

-Feio todo mundo já sabe que você é. Acho que ela não gostou foi da sua profissão.

-E então? Não temos mais por onde prosseguir com essa investigação. Acho que, daqui, é caso encerrado.

-Também acho. O cara do carro verde deve estar procurando pelo Tibúrcio. Ele que encontre o velho. A nossa obrigação já fizemos.

-Vamos para o lanchinho então?

-Demorou...

Nem bem abriram as portas da viatura e o dono do boteco apareceu. Dessa vez estava com cara de preocupado.

-Tem uns meninos que seguiram o Tibúrcio depois que ele saiu daqui. São todos ladrões. Vivem assaltando e roubando o pessoal da região. Um deles passou alí pelo fim da rua agora mesmo! Logo que viu a viatura de vocês parada, saiu correndo. Esse daí é o chefe da gangue. Está com uma camiseta cor de rosa. Não tem como errar.

Max e Dredd olharam um para o outro com cara de tristeza, mesmo assim, ligaram a sirene e saíram à toda pelas ruas estreitas daquele bairro pobre.

Não precisaram dobrar mais que duas ou três esquinas até se depararem com o sujeito de camisa cor de rosa.

-Parado! - Gritou Dredd a plenos pulmões.

Contrariando a ordem recebida, o tipinho saiu correndo.

Primeiro mancou um pouco, mas depois que a perna esquentou, seguiu normalmente na velocidade que podia.

Os policiais não puderam prosseguir com a viatura já que o fugitivo seguiu por ruelas estreitas.

Dredd pegou o espírito da coisa, parou a viatura e saiu correndo também.

O garoto saltava obstáculos com facilidade, seu perseguidor porém, não desistia facilmente e também fazia a mesma coisa.

A correria durou bastante tempo. Parecia que não ia terminar mais, já que, o fôlego dos dois era muito bom.

Mesmo assim, Dredd já começava a diminuir espaço da sua presa...

Da forma que a situação transcorria, muito brevemente ele colocaria as mãos no tipinho.

Ainda assim, aos gritos ele ordenava que o rapaz parasse, mas, não era

obedecido.

Quando o garoto já começava a mostrar claramente que o seu fôlego não duraria muito mais, o inesperado ocorreu.

Subitamente, de um corredor que desembocava bem na calçada da rua onde os dois corriam desesperadamente naquele momento, saiu Max que, também a pé, e correndo, atropelou o fugitivo com seu grande corpo, imprensando-o num poste.

Pela potencia do impacto, a cena lembrava muito as situações onde veículos estacionados em linhas ferroviárias eram atropelados por trens em alta velocidade.

O tipinho ficou inconsciente mesmo estando de olhos abertos. Deu até uma babada...

-Me desculpe, Dredd. Espero que não fique chateado por dar um fim na corrida desse cretino!

-Eu ia alcançar ele, Max!

-Eu sei que ia, Dredd, mas, peguei um atalho e acabei com a festa desse palhaço.

-Deixa eu pelo menos fazer ele falar...

-Pois não, Dredd. Longe de mim querer tirar a sua diversão.

Dredd não perdeu tempo e, alí mesmo no meio da rua já deu uns tapões na cara do sujeito que logo o despertaram para o cotidiano.

-O Tibúrcio... - Bufava Dredd demonstrando cansaço e pouca paciência...

-É o que tava de roupão e pijama??? - Perguntou o sujeito da camisa cor de rosa.

-Isso aí. Pode falar.

-Tá bom! Eu confesso! Esfaqueei o cara. Fui eu mesmo. Não precisa bater mais em mim.

-Matou o cara?!?! Aonde tá o corpo???

-Esfaqueei mas não matei o cara.

-Cadê o cara?

-A gente ia assaltar o cara e ele reagiu. Parecia um sujeito fraco, mas ele bateu em todo mundo. E olha que távamos em cinco. Ele matou dois dos nossos.

Max e Dredd fizeram silencio.

Dredd chaqualhou um pouco mais o tipo pela camisa e ele continuou...

-Eu esfaqueei o cara. Minha faca ficou presa nele. Mas ele continuou batendo na gente. Ainda acertou um chute na minha perna que quase me aleijou...

-Cadê o cara??

-Eu não sei. Ele seguiu caminho.

-Foi embora com uma faca presa nele?

-Isso mesmo!

Dredd estapeou o cara, aproveitou e deu também algumas joelhadas nas costelas dele.

Em seguida, catou o tipo pelos cabelos e o conduziu "gentilmente" até o "chiqueirinho" da viatura.

Algemou o bandido com as mãos nas costas e em seguida, aos chutes e socos jogou-o alí dentro.

-Bandido filho da puta! Devia te mandar logo para o cemitério.

Max e Dredd subiram na viatura e saíram cantando os pneus.

Algumas quadras depois, seu trajeto foi interrompido por uma garota muito bonita e vistosa, usando roupas muito modernas e insinuantes.

Ela estava no meio da rua fazendo sinal para os policiais pararem.

-Qual é o problema, moça? - Indagou Max com a cabeça para fora da janela.

-Tou sabendo que vocês estão atrás do Tibúrcio...

-Isso mesmo moça! Quem te disse isso? - Indagou Dredd já com uma ponta de suspeita lhe coçando o cérebro.

-A Virgínia. Ela é minha irmã de profissão. Me ligou para contar as fofocas e eu

fiquei sabendo que vocês estavam pela área investigando o Tibúrcio. Se vocês querem saber onde ele está, eu acho que posso ajudar...

-Por favor... - Pediu Dredd gentilmente para aquele monumento à beleza feminina.

-Um dos caras que o Tibúrcio matou tinha estuprado uma das garotas que fazem ponto por aqui. O desgraçado machucou a menina prá valer de tanto que espancou a coitada, e ela agora vai levar uns três meses para se recuperar.

-Você viu quando os caras atacaram o Tibúrcio?

-Muita gente viu. Várias garotas fazem ponto ali perto.

-O que aconteceu com ele então?

-O velhinho foi esfaqueado, mas não sentia dor. Nas suas roupas nem parecia ter sangue. Levamos ele para um pronto socorro onde o deixamos. Dalí eu não sei o que aconteceu.

-Qual pronto socorro?

-O 24 horas que fica a quatro quarteirões seguindo nessa mesma direção onde vocês estão.

-Muito bem então.

-Vamos para lá agora! Quero ver esse tipo.

Ligaram as sirenes e saíram à toda cantando uma verdadeira orquestra nos pneus da viatura... Cada troca de marcha era uma gritaria sem igual...

Chegaram ao local derrapando de tudo quanto é jeito e passando por todos os buracos e lombadas possíveis, para dar uma viagem bem confortável e tranqüila ao preso no chiqueirinho.

-Detesto dar carona para estes desgraçados. - Saiu Dredd praguejando da viatura.

Estacionaram o veículo num local aberto onde o sol que, naquele momento já estava a pino, iria incidir diretamente sobre ele.

Claro que, com isso, pretendiam assar um pouco o sujeito lá dentro.

Entraram no pronto socorro e logo se dirigiram à recepção.

Identificaram-se e não perderam muito tempo indo diretamente aos questionamentos:

-Onde está o Tibúrcio?

A atendente perdeu a cor naquele momento.

Olhou para os policiais como se estivesse vendo fantasmas do além.

Tentou balbuciar alguma coisa, mas, levantou as mãos e só conseguiu dizer em voz baixa quase que, aos soluços.

-Um momento. Vou chamar o encarregado.

Ela se levantou e chamou alguém pelo telefone.

Logo chegou um senhor de avental branco, pele morena, e óculos grossos de aros escuros.

-Em que posso ajudar-lhes, senhores?

-Queremos ver o Tibúrcio. - Disse Max.

Sem delongas, o encarregado logo respondeu:

-Queiram me acompanhar, por favor.

Percorreram vários corredores até chegarem a um grande gabinete. Alí o homem sentou-se numa atrás de uma mesa e convidou os policiais a fazerem o mesmo nas confortáveis poltronas diante dele.

-Espero que compreendam, mas as respostas às suas perguntas não poderiam ser dadas em público.

Os dois policiais se entreolharam perplexos...

-Onde está o Tibúrcio? - Perguntou Max.

-Ele não está mais aqui. - Respondeu o homem.

-Onde encontramos ele?

-Ele foi levado daqui por um grupo de homens. Acho que eram do exercito.

-Foi contra a vontade?
-Não. Ele seguiu sem resistir.
-Ele é militar?
-Não sei. O que acho, é que ele já não é mais humano.
-Como? - Indagaram simultaneamente Max e Dredd em uníssono.
-Ele chegou aqui com uma faca enterrada no pescoço. Num ponto onde qualquer um morreria em poucos minutos.
Os três fizeram um breve silêncio e o homem continuou:
-Ele não falava nada, mas parecia entender o que acontecia ao redor. Não resistiu quando colhemos amostras de partes do seu corpo para realização de exames.
-E descobriram algo de novo?
-Algo de novo? Não só novo, mas também sobrenatural. Se é que, este termo pode ser aplicado na medicina científica.
-Sobrenatural?
-O Tibúrcio não tem sangue no corpo. Tão pouco cérebro. Tecnicamente, ele está morto.
-Morto? Mas e o remédio que diziam que ele carregava espetado no braço? - Indagou Max.
-Pelo pouco tempo que tive para verificar, não servia para nada.
-Mas várias testemunhas disseram que ele estava caminhando e reagindo aos acontecimentos que o cercavam... - Contestou Dredd.
-Como ele não poderia ter cérebro?
-Não sei! Não tive tempo de pesquisar o paciente detalhadamente.
-Não teve tempo?
-Os homens de quem lhes falei. Os que levaram Tibúrcio. Não responderam a nenhuma de minhas perguntas e ainda me disseram que seria melhor eu ficar e manter todo mundo que viu alguma coisa quieto. Até porquê eles providenciariam para que ninguém acreditasse numa história maluca como essa.”
“Levaram-no para um dos carros em que vieram e sumiram noite adentro.”
-O senhor ficou com alguma evidencia da presença deste homem aqui?
O homem tirou diversas fotos de uma das gavetas de sua mesa e as entregou aos policiais.
-São dele. - Esse material, os caras do exercito nem se preocuparam de levar.
As imagens não mostravam grande coisa: apenas um homem de idade avançada, alto e magro, vestido conforme a descrição dada por Anércio.
Tinha rosto marcado pelo tempo, barba rala e, no alto da cabeça uma tampa prateada.
-O que é isso na cabeça dele?
-Apenas uma tampa. Embaixo dela não tem nada. Como eu já disse, o Tibúrcio não tem cérebro.
Algumas fotos mostravam a cabeça de Tibúrcio aberta. Realmente, o espaço onde deveria ficar o cérebro, estava vazio.
Noutra, era mostrado em detalhe, a faca espetada no pescoço de Tibúrcio.
-Pode ficar com elas. - Disse o homem. - Não preciso disso aí para nada.
Dredd guardou as fotos na pasta amarela do caso dizendo:
-Espero que o Chefe Norris não venha a pensar que isso aqui é computação gráfica.

Da viatura, ainda debaixo do sol quente e ardido, mas, com a cabina onde os policiais se encontravam devidamente refrigerada com o ar condicionado, Max resolveu

fazer uma ligação para um dos seus antigos contatos do exercito.

A imagem do rosto desta pessoa logo apareceu no monitor de imagens instalado no painel da viatura.

-Max meu chapa. Dredd!! Seus pilantras!!! Quanto tempo!!! Que mandam meus rapazes?

Sem esconder nada, Max logo expôs a situação detalhada e rapidamente.

-Filho! Esqueça essa história. Vocês dois se meteram em algo grande demais para a polícia.

-O que temos diante de nós, senhor?

-Já leu as revistinhas do Capitão América?

-Sim senhor.

-Então deve conhecer o projeto do super soldado. Aquele que fez do Capitão América o guerreiro poderoso e inteligente que é.

-Sim senhor.

-Pois é, Max. Desenvolvemos algo parecido. Só que é para ser usado em gente morta!

-Mortos, senhor?

-Sim! Mortos que lutarão pelo país e farão o serviço sujo sem colocar a vida de nossos soldados em risco.

Todos ficaram em silencio.

-Esqueçam essa investigação, rapazes! Avisem o Norris para ficar longe do caso. Só passem para ele os detalhes absolutamente necessários. Isso, se ele fizer perguntas.

-Entendido, senhor.

-Foi um prazer revê-los, rapazes. Espero que possamos nos encontrar em circunstâncias melhores.

-Igualmente.

O monitor se apagou e os dois policiais se entreolharam.

-Está de pé o lanche?

-Sim, mas antes temos de soltar o figura aí atrás. Tecnicamente, ele não cometeu crime nenhum.

-Toda história sempre tem o lado ruim.. Vamos então dar um corretivo nele, e depois a gente solta.

-Vai abrir o apetite.

Duas horas depois, a viatura dos policiais estacionava ao lado da calçada onde Anércio estava cochilando.

Dredd desceu do carro com uma garrafa de pinga na mão.

Em seguida acordou Anércio:

-Toma! É para você.

-Para mim?

-É. Só que, tem uma condição.

-Qual?

-Esqueça o teu amigo Tibúrcio. Ele não existiu.

Anércio pegou a garrafa das mãos de Dredd, abraçou-a e disse:

-Já esqueci.

Mais tarde, a pasta amarela referente ao caso, era jogada na mesa do Chefe Norris.

-É mais um para se jogar junto aos arquivos de casos sem solução? - Ele indagou.

-Sim!- Respondeu Max. - Nem vale a pena comentar.

-Muito bem então. - Disse o Chefe Norris enquanto acariciava um gato preto que dormia em cima de sua mesa sobre pastas com outros casos a serem resolvidos. - Nem precisa deixar nada aqui. Sumam logo com essa porcaria. Eu quero é sossego.

Os dois policiais saíram da sala.

-Eu já sabia que ele nem ia olhar. - Disse Dredd.

-Acho que ele tem um sexto sentido para essas encrencas.

-Espero que não encontremos aquele maldito corvo novamente.

-Então joguemos umas partidas de xadrez enquanto a energia elétrica não volta. Vamos ficar longe de trabalho até essa maldita sexta feira 13 terminar.
